

1964 O GOLPE NA BAHIA



Até que Feira tentou resistir. Não deu certo

O prefeito Chico Pinto amou a Guarda Municipal para invadir o Tiro de Guerra, mas desistiu na última hora: Jango havia jogado a toalha

LEVI VASCONCELOS

Chico Pinto, prefeito de Feira de Santana, amanheceu no 1º de abril de 1964, uma quarta-feira decidido. Irá resistir ao golpe deflagrado na noite anterior. Já tinha articulado as lideranças que o apoiavam, recebeu "reforço" de Salvador, onde o Exército já estava fazendo prisões. Líderes como Haroldo Lima, Péricles de Souza e Sérgio Gaudenzi entenderam ser Feira o melhor lugar para fazer a resistência na Bahia e para lá seguiram.

O prefeito tomou as primeiras providências. Botou um carro de som na rua convocando a população para o "Comício da Resistência", que seria realizado à noite. Juntou o que tinha de armas, as dele - seis ou sete Winchester herdadas do pai, conhecidas como "papo amarelo", muito usadas pelos soldados que combateram o bando de Lampião -, revólveres e espingardas coletados entre amigos. A ideia era armar a maior parte dos 90 homens da guarda municipal para assaltar o Tiro de Guerra e pegar mais armas e munição.

À tarde, a guarda municipal armada subiu no caminhão mortuário da Prefeitura e seguiu para o Tiro de Guerra lá, tudo tranqüilo. O sentinela, muito despreocupado, entreteia-se com outra atividade. Estava namorando. Aliás,

namoro que seria providencial, posteriormente, para salvar a pele dos possíveis atacantes. Os ocupantes do caminhão foram orientados a ficar quietos aguardando a ordem de atacar.

VOZ DE PRISÃO - Ainda pela manhã, Chico Pinto foi ao quartel da PM em busca de apoio do comandante, tenente-coronel Luiz Gonzaga da Silva. Havia a informação de que tropas do Exército haviam cercado o governador Lomanto Júnior no Palácio. "O Sr. é subalterno ao governador. E o governador está cercado", disse. O comandante desconversou. Afirmou que não tinha comunicação porque o rádio estava quebrado. O tenente-coronel José Campos Aragão, que antecederia Gonzaga no posto, já tinha se comprometido com a resistência. Aragão foi incumbido de ir ao quartel sondar o ambiente.

"Ele disse que está a favor do golpe", retomou. "Então vamos prendê-lo", concitou Pinto. O plano: atrair o comandante até a Prefeitura e lá dar-lhe voz de prisão. "Se demos voz de prisão ele vai atirar. Está amado", retrucou alguém. "Um fica na janela, outro na porta, outro junto. Na hora alguém o agarra e ele não terá tempo de reagir", disseram. O comandante não mordeu a isca. Lá não apareceu.

À tarde, Waldir Pires, então procu-

rador geral da República, fez um pronunciamento no rádio dizendo que o presidente tinha ido para o Rio Grande do Sul e de lá promoveria a resistência. Os feirenses entenderam que Jango havia jogado a toalha. Raciocinaram que, se o governo pretendia enfrentar os rebeldes, deveria tê-lo feito imediatamente a partir de Brasília.

"O pronunciamento de Waldir deixou transparecer que o governo não oferecia resistência", diz Pinto. Foi o suficiente para os resistentes feirenses entenderem que não valia a pena resistir. Na mesma hora o grupo tomou novas decisões. O carro de som voltou à rua, não mais para convidar a população para o comício, e sim para dizer que todos permanecessem calmos e aguardassem os acontecimentos. E o carro mortuário apinhado de guardas armados nas proximidades do Tiro de Guerra recebeu ordem para voltar.

RETIRA DA - À noite, Chico Pinto se reuniu com aliados na casa de um deles, José Moraes. Eram em grande parte líderes esquerdistas, como Waldemar Matos, dirigente do PCB, convencidos de que os militares consumariam o golpe e só restava discutir as estratégias que adotariam para botar o pé na estrada. Fugir, numa palavra. Ou "bater em retirada", como diziam os próprios.

Pinto ofereceu os carros da Prefeitura para conduzi-los onde fosse mais conveniente. Na hora da reunião bateram à porta. Eram dois oficiais do Exército. Tensão entre os presentes. Acharam que era hora da prisão. Acatou-se que Chico iria atendê-los e os demais fugiriam pelo quintal. Chicofei.

- Estamos aqui para conversar. Sabemos que vocês estão dispostos a resistir e viemos pedir que não façam isso. Não temos condições de mandar tropas nem hoje, nem amanhã. Mas depois de amanhã teremos. E vocês não vão poder enfrentar - disseram.

"Não existe isso", retrucou Pinto. Os oficiais argumentaram que muitas pessoas disseram ter ouvido pela manhã o carro de som anunciando o comício. "Vocês ouviram agora à tarde o mesmo carro de som pedindo calma à população. É, deagamos mais cedo e ouvimos", disseram. "Eles foram muito educados. Até desconfiei quando disseram que o Exército não tinha condições de mandar tropas logo. Aquilo era uma informação a favor", conta Pinto. A partir daí grande parte da esquerda feirense da época saiu em diáspora mundo afora, alguns, para nunca mais voltar. Chico Pinto, por exemplo, hoje com 74 anos, se divide entre Brasília, onde mora, e Feira, onde tem uma fazenda.



"Reforma agrária na lei ou na marra"

- Vamos fazer a reforma agrária na lei ou na marra! Com fuzil e um terço na ponta do fuzil!

Discursos desse tipo ponteeavam a carreira de Gervásio Bacelar, prefeito de Amélia Rodrigues em 1964. Em fins de abril e início de maio daquele ano ele vivia acochado pelo delegado, que queria prendê-lo.

Chico Pinto (foto) era um emergente na política. Apoiava e defendia nova candidatura de Waldir Pires, derrotado por Lomanto em 1962, mas aparecia com notoriedade no cenário baiano. No fim do ano anterior reuniu em Feira 170 prefeitos. Gervásio era um deles. Tornou-se amigo e fiel escudeiro. Quando soube que Pinto iria para a 6ª RM pediu para acompanhá-lo, em parte. Queria saber como estava o clima, mas ficaria de fora. "Se você voltar, me passa as informações", precaveu-se.

Chico depôs durante a manhã, saiu para o almoço, reencontrou Gervásio. Na volta para o quartel, início da tarde, os dois juntos. O chefe do estado maior, coronel Humberto Melo, estava na porta. Gervásio falou:

- Coronel, como está? Estou lhe reconhecendo. O Sr. foi meu professor no Colégio da Bahia.

- Ah, sim... Você não é aquele negro que quando íamos para Paripe ficava com o outro (o geógrafo Milton Santos) conversando com as loiras?

Era. Gervásio não ligou para a reação com um toque de racismo. Procurou livrar a pele.

- Estou aqui porque mandaram me prender?

- Quem mandou? Eu não mandei nada, e quem manda na Bahia sou eu!

- Foi o delegado.
- Pois vá lá e diga que você não será preso porque eu estou dizendo.

Gervásio voltou, procurou o delegado. Foi preso na hora. Ordem de Humberto Melo.



Após 60 dias de prisão, em 1974, Chico Pinto foi solto, sendo recepcionado pelo povo de Feira de Santana, onde era o Prefeito

Pinto recebeu voz de prisão em um armazém

Sargento Aranha, comandante do Tiro de Guerra de Feira de Santana procurou o prefeito Chico Pinto no sábado, quatro dias após a derrubada de Jango. Tinha um recado dos comandantes da 6ª Região Militar.

- O Quartel General pede que o Sr. compareça lá segunda-feira

- Não posso. Segunda eu tenho compromissos. Vou terça.

- Por favor, prefeito, não faça isso. Vá segunda.

"Eu pensava que como prefeito valia alguma coisa. Insisti que não ia, o sargento procurou amigos comuns para me convencer. Me convenceram", conta Chico.

Segunda, estava lá. Entrou no quartel acompanhado do amigo e jovem advogado José Falcão da Silva (que mais tarde seria prefeito de Feira três vezes). Ficou esperando numa

sala, esperando, esperando, até que numa porta dos fundos entrou o chefe do Estado Maior, Cel. Humberto Melo e bradou.

- Eu não aperto a mão de comunista descarado!

Chico se assustou. E o coronel completou:

- Vou apertar a sua porque sei que você não é.

Era um turbilhão de denúncias, algumas verdadeiras, como a tentativa de assaltar o Tiro de Guerra, outras estapafúrdias. Ao meio-dia o coronel liberou os dois para o almoço. À tarde voltou. Saiu à boquinha da noite com a garantia de que não seria cassado ou preso sem que lhe fosse dado amplo direito de defesa.

O também coronel Luiz Arthur de Carvalho foi a Feira e na Câmara de Vereadores garantiu que Chico seria

mantido como prefeito em nome do Exército. No dia 2 de maio, uma tropa comandada pelo major Elzio desembarcou em Feira. A casa do prefeito estava cercada, sem ele saber. Foi convidado a ir até o armazém de fumo onde os soldados estavam acuartelados. Lá, recebeu voz de prisão.

Levado para o quartel do Barbalho, em Salvador, comeu o pão que o diabo amassou. A cama era o cimento de um quarto com grades sem janela que enchia de água quando chovia. A "geladeira" era uma lata de querosene com água equipada com um caneco. O sanitário, daqueles de buraco, fétido. Pior, o uso era sempre de porta aberta com um soldado de fuzil em punho apontado para quem lá estivesse. Não dava nem para fazer carafela.

Do Barbalho foi transferido para o

19 BC. Que alívio... A cama continuava sendo o chão, mas pelo menos era tampo e enxuto. Sessenta dias depois estava na rua. Chicofei ao QG da 6ª RM procurar o cel. Humberto Melo.

- Coronel, vim aqui fazer uma denúncia de tortura e cobrar uma promessa. O Sr. me deu sua palavra de que eu não seria preso sem amplo direito de defesa.

E o coronel, de cabeça baixa - Prefeito, eu sou um soldado. Cumpro ordens. Você foi preso porque Juracy Magalhães pediu a Castelo Branco.

Em Feira, o Exército providenciou a votação do "impeachment" de Chico. Não teve quorum. A lei exigia dois terços dos vereadores. Os que votaram contra foram presos, até que na quarta sessão o "quorum" foi garantido. E Chico perdeu o mandato.